

A Questão da Consciência: um Diálogo na Faculdade entre o Professor Sócrates o Aluno
Diógenes

**The Consciousness Controversy: a Dialogue at the College between Professor Socrates
and a Student Called Diogenes**

Maurício Marx e Silva¹

Resumo: Sob a forma de uma conversa entre um professor, orientador de trabalho de conclusão de curso, e um aluno que escolheu como tema de seu trabalho a questão da consciência, o autor delinea as diferentes acepções do termo consciência, apresentando uma proposta atual de compreensão deste fenômeno enquanto sensação de um eu que experiencia a passagem do tempo com qualificações afetivas variadas. A interação do eu com o ambiente, as mudanças que ocorrem nesta interação, seriam verificadas constantemente, constituindo a sensação de existir. Alguns questionamentos a esta proposta são rapidamente discutidos e outros são apenas assinalados, sendo feitas indicações de referências para aprofundamento da discussão.

Palavras-chave: consciência; sensação de existir; gap explanatório; crises de ausência.

Abstract: The issue of consciousness is presented through a fictitious dialogue between a teacher and a student who intends to write an article on the topic. The discrimination among related concepts like consciousness, wakefulness, conscience and awareness is given as a first orientation on the subject. A current explanation of the phenomenon of consciousness as a self who experiences time with complex affective qualifications is defended. This self's modifications while interacting with the environment being permanently monitored by dedicated neural networks gives rise to the feeling of existence. A few questions on this proposal are briefly presented and others are just mentioned, references being given for further study.

Keywords: consciousness; conscience; wakefulness; awareness; feeling of what happens; explanatory gap; absence seizures.

S – Diógenes, tu que resolveste fazer o teu trabalho sobre este tema da consciência, que experimentaste alguma curiosidade, por qualquer razão que seja, estás consciente, não é? E um colega teu, caso eu tenha o privilégio de conquistar a atenção de mais um, também estará... e vocês dois certamente saberão o que eu quero dizer com 'estar conscientes', certo? Ou não?

D – Sinceramente...

¹ Psicanalista. E-mail: maurimarx@terra.com.br

S – Bem, eu acho que talvez sim, talvez não, depende... De quê? Bom, pra começar, de qual consciência estamos falando?

D - Ah, então tem mais de uma? Hum, nunca tinha pensado nisto... Mas então já comecei mal, o título deveria ser ‘A Questão das Consciências’.

S - É, tá certo, mas vamos deixar assim por enquanto...

D - Tá bem, tô de ‘sangue doce’... Mas afinal, que história é essa de ‘consciências’?

S - Bom, então... (neste momento, o professor coça a orelha, depois a cabeça, se retorce um pouco, dá um suspiro e faz uma cara de ‘vamos lá’ – também não é pra menos, já que se trata de um dos grandes debates da história da filosofia e, mais recentemente, das neurociências)

Bom, pra começar, tu estás acordado, certo?

D – Sim, ainda...

S – Já tá começando com sarcasmo, é? Certo, podemos usar isto também. É um estado afetivo como qualquer outro, assim como os estados de ‘curiosidade’ ou de de ‘sangue doce’ de há pouco. São qualificações deste teu estado consciente.

Então quer dizer que tu, além de estares acordado, por enquanto, estás começando a ficar impaciente, estás mudando teu estado de espírito com a passagem do tempo. No início, estavas curioso, depois de sangue doce ainda, aceitando esta conversa, mas teu ‘eu’ estava começando a mudar com a passagem do tempo, e tu estás sentido isto, a passagem do tempo e as mudanças do estado afetivo do teu *self*.

D – Ah, *self*, agora começaste a falar difícil, professor? Qual é, tá inseguro?

S – Uau! Tô, mas e tu não estarias? Com um interlocutor destes?

D – Esperto... Tá bom, eu tô acordado, o tempo tá passando, eu me sinto assim, ‘assado’ – sem piadinha com o ‘assado’ – mas e daí? O quê que isto tem a ver com a consciência ou ‘as consciências’?

S – Tudo! Isto é a consciência, ou melhor, pelo menos duas delas. Primeiro, tem a consciência no sentido de estar acordado, não estar em coma ou sono profundo, por exemplo. Tu poderias ter escorregado, batido a cabeça e perdido a consciência, certo? Ficarias apagado, inconsciente... Mas tem a segunda, essa da sensação de existir, de ser alguém que está ‘vivendo este momento lindo’, como diz o ‘rei’ Roberto. Sentir que existe um eu, que desliza pelo tempo e vai se modificando durante a passagem do tempo, ao interagir comigo, com o mundo físico, o computador por exemplo, etc.

D – Mas por que duas, elas não são a mesma? Se eu não estivesse acordado não estaria tendo estas sensações de existir, da passagem do tempo, de curiosidade, de impaciência etc. , não é,?

S – Não é bem assim... só em parte...

D – Já tá se ‘embananando’...

S – Calma! Só um pouquinho... é que, realmente, algum grau da primeira consciência é pré-requisito para a segunda. Se estivesses em coma, não haveria nenhuma chance de ter a sensação de existir, porém, durante o sono REM, durante o sonhar, temos a sensação de um eu que existe, que sente a passagem do tempo, e isto com qualidades afetivas diversas, certo?

D –É, não há como negar... mas então se está consciente durante os sonhos?

S – Em se tratando da segunda consciência, sim! Já com relação à primeira...

D – Com relação à primeira, é preciso estar acordado para estar consciente, tanto que se diz que o sono REM é o estado de sono mais próximo da consciência, do estado de vigília, li isto numa revista. Certo, concordo, mas a segunda não poderia ser só uma subdivisão da primeira, já que sempre que eu estou acordado eu tenho a sensação de existir, da passagem do tempo, dessas qualidades afetivas?

S – Também não, nunca ouviste falar das chamadas ‘crises de ausência’?

D – Ah, claro! Eu mesmo já tive muitas, o Zeca, meu *brother*, vive me ‘gozando’, dizendo que eu tava fora do ar. Eu mesmo percebi isto, outro dia em que tava dirigindo na *freeway* e, quando me dei conta, já tinha passado um longo trecho e eu não notara, nem lembrava daquele trajeto... também, já passei por ali umas duzentas vezes...

S – Certo, tu estavas desligado, estavas no automático, provavelmente pensando na Débora...

D – Não ‘sacaneia’, pode ter gente ouvindo...

S – Tá, mas só que isto que tu falaste não são as crises de ausência às quais eu me refiro. Isto aí todo mundo tem, ficar desatento do ambiente, quando este é muito conhecido e seguro, e ficar com a cena consciente voltada para algo que atraia mais a atenção. E, podes dizer: a Débora é ‘*show de bola*’, né? Atrai muito mais a atenção.

D – Fala sério, pô... mas por que estas não são crises de ausência? Eu tava bem ausente na *freeway*...

S – Mas tava presente em outro lugar, que a gente sabe qual era... e tava vivendo intensamente aquele momento lindo, né Roberto Carlos? Dava pra sentir o eu se modificando no contato com aquele ambiente todo, né?

D – Bah, só... (expressão sonhadora)... mas voltando, então o que são mesmo as tais crises de ausência?

S – Ah, é um negócio bem diferente, é um tipo de convulsão, que antigamente chamavam de *petit mal*, assim em francês, em contraposição ao grande mal que eram as crises tônico-clônicas generalizadas, essas que todo mundo conhece como convulsões epiléticas, em que a pessoa cai, se debate, perde a consciência.

D – Ah, voltou a tal da consciência... mas é ausência de quê, afinal, se é crise de ausência?

S – Ausência de consciência... só que é somente da segunda consciência, já que a pessoa fica totalmente acordada durante a crise, que em geral dura alguns segundos. Pode inclusive seguir caminhando, reagir ao ambiente, mas não tem a sensação de existir, não sente a passagem do tempo, não retém memórias daquele período. Não está ali e não está em nenhum outro lugar, nem tá lá com a Débora na imaginação. Tá bem acordado, mas não está consciente, na segunda consciência, só na primeira.

D – Bah, sinistro... mas tu falaste que eram ‘as consciências’ e não ‘as duas consciências’. Então, têm mais?

S – Sim, têm pelo menos mais duas: uma é aquela que tu não tem muito, quando fica pensando na Débora, namorada do Zeca, que tu disse que era teu *brother*... né? Nenhum peso na consciência?

D – Pô, cala a boca! Tu não viu a orelha do cara cheia de queloide, ele faz jiu-jitsu, MMA e o ca.....

S – ‘Melhor não cutucar a onça que a vara é curta’, né? Bom, voltando ao peso na consciência, essa terceira é aquela chamada por Freud de supereu, na qual os ingleses botaram um latim na história e mudaram pra superego.

D – Tem gente que não tem muito, né? Nem acordado nem dormindo, principalmente lá em Brasília...

S – ‘Olha a onça’!

D – E a quarta? Não consigo imaginar...

S – Ah, a quarta não é bem consciência, mas, às vezes, também a chamam assim. É no sentido de saber, de estar ciente, de ter sido informado ou ter antecipado algo por raciocínio, tipo: tu tá consciente que tu podes levar uma ‘coça’ do Zeca, se ele imaginar que tu tá sonhando com a Débora?

D – Uisshhh! Passou um frio por dentro, só de imaginar!

S – É o que o velho Sig chamava de angústia de castração, modernamente um cara que tem o nome de verde, o Green, chama de angústias vermelhas, dá pra imaginar por que, né? É o Zeca instalado no teu supereu, na tua consciência, a terceira.

D – Tô ligado...

S – Ligado... esta é a primeira consciência, estar acordado, ligado, mais um aspecto da segunda, que é estar com o eu presente e interagindo com o ambiente, selecionando em que vai focar a atenção, de acordo com a relevância para o eu, ou seja, em que tu vais estar ligado. Uma vez detectado que algo, nesta interação do teu organismo com o ambiente, é relevante,

esta representação será associada aos chamados marcadores afetivos, emoções e sentimentos positivos ou negativos, mais ou menos intensos, conforme a experiência seja interpretada como positiva ou negativa. Se tu estiveres considerando que esta conversa contém algo de significativo para ti, interessante, tu vais associar emoções e sentimentos positivos a ela e ficar ligado. Se for o contrário, se ela não te parecer relevante, tu vais te desligar, começar a pensar em outra coisa que tu aches mais relevante, como a Débora, ou ficar com sono, vontade de desligar. Se associares com algo relevante, mas negativo, como levar uma coça do Zeca, podes querer evitar o assunto, mudar pra outro tópico.

D – Ahn, tá... mas, mudando um pouco de assunto, tu falou aí de **organismo**, misturado com o **eu** e esse tal de *self*... afinal, o quê é isso, onde é que tá o eu no organismo? Tem uma ‘mina’, que eu conheço, que é ‘meio’ religiosa, sei lá, mas ela diz que é a alma que se expressa através do cérebro, que esse eu é a alma que tá lá, que julga. Será que é a alma que decide o que é ou não relevante? Porque ‘cada cabeça uma sentença’, como dizia minha vó, as pessoas decidem de modo diferente o que é relevante ou não para cada um, não é?

S – Sim e não...

D – iiiihh! Lá vem...

S – Não vou complicar, não, só que têm algumas situações básicas que quase todas as pessoas tendem a sentir de modo igual, e que não é preciso associar com nada pra marcar aquilo como bom ou ruim. Tipo carinho, por exemplo, já se nasce gostando de um tipo de toque que é o carinho e não gostando ou temendo outro tipo que é a porrada. Os evolucionistas dizem que são estímulos que já estão condicionados pela seleção natural, a história da espécie ou filogênese. Podem até ser desvirtuados posteriormente, mas, na estruturação do cérebro, já vêm marcados com afetos positivos ou negativos, porque são bons ou ruins para o organismo. Depois vem a história de cada um, a ontogênese, e aí o eu básico, corporal, de cada um, o chamado *proto-self*, vai se desenvolver no *self* autobiográfico, que é particular para cada um. Aí é que começa a valer o que a tua vó dizia, cada cabeça uma sentença, pois, durante sua história de vida, cada um vai desenvolver seu *self* de forma única.

D – É, assim até que dá pra entender, mas é difícil aceitar que um ‘punhado de miolos’ seja eu, isso que eu sinto de existir, parece que falta algo...

S – Claro que falta muito pra ser compreendido e descoberto, mas também têm alguns filósofos modernos que argumentam que esta sensação de que falta algo pode ser enganosa. Sempre que a gente apreende um mesmo fenômeno através de duas vias muito diferentes, como uma sensação física e um estudo teórico, por exemplo, a gente tende a acreditar que são dois fenômenos diferentes, e a procurar uma relação, muitas vezes de causa, entre eles. Por

exemplo, a gente tende a achar que os elétrons, passando por um fio de metal, **criam** a eletricidade, aquilo que a gente sente quando leva um choque.

D – E não é? Foi isso que eu aprendi naquelas ‘malditas’ aulas de Física, se ficou alguma coisa...

S – Não, não foi isso que te ensinaram, o que te ensinaram é que os elétrons passando pelo fio **são** a eletricidade. Como tu criaste duas representações para a mesma coisa, uma pela sensação do choque e outra pelo que tu escutou, viu e pensou na aula, parece que elas não são a mesma coisa, mas que uma é a causa da outra. Da mesma maneira, existem, no cérebro, redes de neurônios ligadas ao interior do corpo, outras conectadas às partes do corpo que estão mais em contato com o ambiente externo, como os órgãos dos sentidos, pele, olhos, ouvidos etc., e ainda outras redes que registram as mudanças que umas têm ao interagir com as outras. Tal interação entre as redes é cíclica, está sempre acontecendo, como se houvesse partes do cérebro sempre verificando o que muda no corpo enquanto interage com o ambiente, incluindo aqui, no corpo, as memórias. Esta verificação constante da interação seria a consciência, aquela segunda, a da sensação de existir, de perceber, neste existir, qualidades associadas a afetos, de perceber, como passagem do tempo, estas mudanças verificadas nesta interação. É a sensação do eu existindo, segundo um português, o Antônio Damásio, que eu acho que foi quem melhor entendeu este fenômeno.

D – Bah, só um pouquinho que tá ‘saindo fumacinha’ aqui dos tais neurônios... Quer dizer que essa circulação entre essas redes de neurônios - as que registram o interior do corpo, as que registram o exterior, as que escaneiam as mudanças - estão sempre acontecendo na interação entre os dois, que são estes circuitos cerebrais que criam essa sensação que eu tenho de estar agora existindo, vivendo este momento aqui, tentando entender essa coisa e quase me arrependendo de ter escolhido esse tema para o TCC.

S – Não!

D – Ai meus deuses! Cronos, tenha piedade!

S – Calma, é que este ponto é mesmo um dos mais difíceis de entender, por ser contraintuitivo. Mas tem umas pessoas que explicam bem, no meu entender pelo menos. Está longe de haver consenso sobre isso, se é que há consenso em alguma coisa em filosofia. Coincidentemente, as três em quem pensei moram lá em San Diego, lá onde tu tiveste, por uns tempos, lavando pratos.

D – Foi lá que eu conheci o Zeca e a Débora...

S – Bom, mas tem um outro casal lá, que vai ajudar a ‘pôr as coisas em pratos limpos’, os neurofilósofos Paul e Patricia Churchland. Um neurocientista que também mora lá falou disto também, o Gerald Edelman, aquele que já ganhou um Nobel.

D – Nunca ouvi falar, que pena, podia ter tentado falar com eles, se soubesse.

S - Essa de lavar pratos é meio como naquela música dos Paralamas, ‘Entre de Gaiato num Navio’. Conhecer o mundo não é o mesmo que passar fisicamente pelos lugares, né? Mas voltando, o erro na tua afirmação, de acordo com este pessoal de San Diego, está em dizeres que estes circuitos neurais **criam** esta sensação de um eu que existe e vivencia a passagem do tempo com qualidades afetivas. Eles consideram que esta circulação neural é esse eu consciente, a consciência número dois, bem entendido. É como a história dos elétrons passando no fio: eles não criam a eletricidade, mas são a eletricidade. Se não nos damos conta que são duas descrições da mesma coisa, criamos artificialmente um espaço entre elas que dá essa impressão de que falta algo, de que falta explicar como um causa o outro. Alguns filósofos, discordando desta explicação, chamam isto de *gap explanatório*, ou *hard problem*. Eu, particularmente, acho que se trata daquilo que o Freud chamou de ‘feridas narcísicas da humanidade’, a vaidade humana dificultando aceitar que esta sensação do eu seja apenas mais um fenômeno natural, explicável cientificamente como outros já o foram. Há um século, a vida, não necessariamente a vida humana mas a vida em si, parecia um mistério eternamente impossível de explicar, até que se descobriu o DNA, suas cadeias metabólicas etc.

D – É, teus argumentos parecem bem ‘amarradinhos’, mas eu já ouvi falar que não é assim tão simples, há uma história de um tal ‘Quarto Chinês’ e também a do ‘Homúnculo Infinitamente Recorrente’, não tenho a mínima ideia do que seja, mas achei os nomes duca... me explica?

S – Não vai dar, ‘cara’, tenho que dar uma aula agora e também acho que essa conversa já foi suficiente para te deixar curioso. Agora vê se vai atrás do restante por conta própria. Se tu descobrires quais são os ‘furos’ destes argumentos do ‘Quarto Chinês’, do ‘Homúnculo’, e também do ‘Zumbi’, te garanto um ponto extra na nota do TCC, e mais um ponto por responderes qual é a função da consciência e por que faz diferença tornar consciente o inconsciente, topas?

D – Bah, se topo? Claro, mas tu podia me dar umas dicas de onde procurar, né?

S – Claro, anota aí umas referências...

Referências

BENNETT, M.; DENNETT, D.; HACKER, P.; SEARLE, J.; ROBINSON, D. **Neuroscience & philosophy: brain, mind and language**. Columbia Univ. Press, New York, 2007.

CARTER, R. A. Stream of illusion. *In: Exploring consciousness*. Los Angeles: Univ. of Calif. Press, 2002.

CHURCHLAND, P. M. Betty Crocker's theory of consciousness. *In: CHURCHLAND, P. M.; CHURCHLAND, P. S. On the contrary: critical essays*. Cambridge: The MIT Press, 1998.

_____. Catching consciousness in a recurrent net. *In: _____ Neurophilosophy at work*. New York: Cambridge Univ. Press, 2007.

DAMÁSIO, A. **Self comes to mind: constructing the conscious brain**. New York: Random House, 2010.

_____. **The feeling of what happens: body, emotion and the making of consciousness**. London: William Heinemann, 1999.

DENNETT, D. C. Can machines think? *In: _____ Brainchildren: essays on designing minds*. Cambridge: The MIT Press, 1998.

_____. **Sweet dreams: philosophical obstacles to a science of consciousness**. Cambridge: The MIT Press, 2005.

EDELMAN, G. M.; TONONI, G. **A universe of consciousness: how matter becomes imagination**. New York: Basic Books, 2000.

_____. **Second nature: brain science and human knowledge**. New Haven: Yale Univ. Press, 2006.

GREEN, A. **Key ideas for a contemporary psychoanalysis**. East Sussex: Routledge, 2005.

LECHEVALIER, B.; LECHEVALIER, B. Aborder la question de la conscience. **Revue Française de Psychanalyse**, v. 2, 2007.

MARX E SILVA, M. A consciência: algumas concepções atuais sobre sua natureza, função e base neuroanatômica. **Rev. de Psiquiatria do RGS**, 25, supl. 1, p. 52-64, abr. 2003.

_____. O consciente, a consciência e as memórias: um passeio consiliente entre a psicanálise, as neurociências e a filosofia da mente. **Rev. de Psicanálise da SPPA**, v. XV, 2008.

NAGEL, T. What is it like to be a bat? **Philosophical Review**, 83, p. 435-50, 1974.

PALLY, R. **The mind-brain relationship**. London: Karnac, 2000.

PANKSEPP, J. Emotions as viewed by psychoanalysis and neuroscience: an exercise in consilience. **Neuro-Psychoanalysis**, v. 1, n. 1, p. 15-96, 1999.

ROLLS, E. T. **The brain and emotion**. Oxford: Oxford Univ. Press, 1999.

SEARLE, J. **Freedom and neurobiology**: reflections on free will, language and political power. New York: Columbia Univ. Press, 2007.

_____. **The mystery of consciousness**. New York: The New York Review of Books, 1997.

SEMI, A. A. **The Conscious in Psychoanalysis**. The Int. Psychoanalytical Association, London, 2007.

THOMPSON, M. **Philosophy of mind**. Chicago: McGraw-Hill, 2001.

WALLIS, J. Orbitofrontal cortex and its role in decision-making. **Ann. Rev. of Neuroscience**, v. 30, p. 31-56, 2007.